



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

17 e 18 de março de 2018

Diário Catarinense e A Notícia Esportes

“Basquete que inspira e inclui”

Basquete que inspira e inclui / Esporte / Núcleos Estudantis Trimania/FCB / Federação Catarinense de Basketball / Colégio de Aplicação / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Oscar Archer

1 E DOMINGO, 17 E 18 DE MARÇO DE 2018

apresentado por



BASQUETE QUE INSPIRA E INCLUI

NÚCLEOS ESTUDANTIS TRIMANIA/FCB AUMENTAM EM 55% O NÚMERO DE CRIANÇAS ATENDIDAS

Você provavelmente já ouviu falar ou sentiu o poder que o esporte tem de mudar a vida das pessoas. Com o basquete não é diferente. No último ano, cerca de 580 crianças catarinenses de 10 comunidades carentes participaram dos Núcleos Estudantis Trimania/FCB e viram a possibilidade de sair de uma vida de condições ruins. Em 2018, as oportunidades serão ainda maiores.

A Federação Catarinense de Basketball e a Trimania aumentaram em 55% o número de núcleos estudantis. Serão 15 projetos, que devem atender aproximadamente 900 crianças. Os trabalhos começam no dia 2 de abril e vão até outubro, quando há a tradicional confraternização que encerra o ano.

Até o fechamento desta reportagem, 13 núcleos já tinham local definido e duas vagas estavam em aberto para avaliação. Florianópolis é o município com mais núcleos: quatro, incluindo um no Colégio de Aplicação, iniciando uma parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Palhoça, Lages e Criciúma contarão com dois núcleos cada. Por fim, Tubarão, São José e Antônio Carlos terão um projeto.

— Todo esse trabalho com os núcleos tem o objetivo de socializar, ensinar e encaminhar essas crianças não

só para o esporte, mas para a vida. Será um trabalho intenso, vamos fazer visitas periódicas para garantir a qualidade dos núcleos, dar assistência quando necessário e desenvolver ainda mais o basquete em Santa Catarina — destaca o presidente da FCB, Oscar Archer.

Cada um dos Núcleos Estudantis Trimania/FCB contará com 60 crianças durante os sete meses de trabalho. Durante esse tempo, serão distribuídas bolas, materiais de treino e camisetas para os participantes. Além disso, cada projeto contará com R\$ 1 mil mensais para pagamento do profissional e outros custos menores.

Outro momento que chama a atenção são as confraternizações. Nesse ano, serão vários festivais para a criança trocar experiências e se divertir. Cada projeto participará de três eventos, sendo dois locais (um em cada semestre) e um para cada região (Grande Florianópolis e Sul/Serra) a serem realizados em outubro.

— O mais importante é que esse trabalho é realizado de forma educacional, por isso as crianças precisam estar estudando. Reforçamos aos professores que coordenam os núcleos a importância de trabalhar junto aos pais nesse sentido: tem que ter escola, pois quando tem escola, tem direção e dessa forma a criança vai vencer — completa Archer.



Festival de Núcleos FCB irá atender cerca de 900 crianças no Estado.



Bolas, materiais de treino e camisetas serão distribuídas aos participantes.

Fotos Lucas Inácio, divulgação

Projeto faz soltura de peixe em extinção recriado em cativeiro / Estação de Piscicultura do Instituto Goio-Ën / Laboratório de Biologia e Pesquisa de Peixes de água Doce / Lapad / UFSC / Alevinos

SÁBADO E DOMINGO, 17 E 18 DE MARÇO DE 2018

3

OESTE



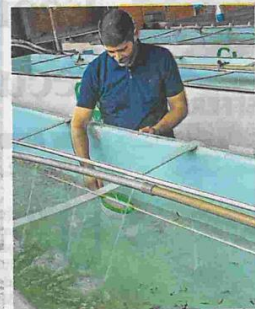
DARCI DEBONA

darci.debona
@somosnsc.com.br

Cerca de 550 piraicanjuba, 550 piavas e 110 mil corimbata, foram soltos no Irani, em Paial, quinta-feira



FOTOS TARLA WOLSKA, ESPECIAL



A estação de piscicultura foi doada pelo Consórcio Foz do Chapecó, como uma das medidas de compensação ambiental pelas consequências da hidrelétrica

Projeto faz soltura de peixe em extinção recriado em cativeiro

REPRODUÇÃO DA PIRACANJUBA foi considerada um momento histórico para a preservação das espécies do rio Uruguai pelo Instituto Goio-Ën

Foi realizada quinta-feira no rio Irani, em Paial, a primeira soltura de alevinos da piraicanjuba, uma espécie de peixe nativo da bacia do rio Uruguai ameaçada de extinção, que foi reproduzida em cativeiro na estação de piscicultura do Instituto Goio-Ën, em Águas de Chapecó. Foram 550 exemplares, soltos juntamente com 550 piavas e 110 mil corimbata, também conhecida como grumata. Um momento histórico dentro do Piraquê, que é o projeto de preservação dos peixes migratórios do rio Uruguai, segundo o engenheiro agrônomo Sidinei Follmann, coordenador de piscicultura do instituto.

A piraicanjuba é uma espécie muito frágil e difícil de ser reproduzida, pois tem uma fase inicial de canibalismo e depois passa a se alimentar de frutos. Nossa expectativa é de que a partir de

agora a gente possa repovoar os rios, onde ela não é mais vista há anos – destacou.

Anteriormente, já foram registradas algumas solturas de exemplares de piraicanjuba realizada pelo Laboratório de Biologia e Pesquisa de Peixes de Água Doce (Lapad), da UFSC, principalmente nos lagos das hidrelétricas de Machadinho e Itá.

O Instituto Goio-Ën também tem uma parceria com a Foz do Chapecó Energia, para a entrega de 200 mil alevinos por ano. A piraicanjuba é a oitava espécie reproduzida pelo instituto, que foi criado em 2003 e é mantido pela Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste (Fundeste). Em 2012 a estação de piscicultura, que funcionava em São Carlos, foi para uma área de 17 hectares em Águas de Chapecó, próximo da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó, que fica no Rio Uruguai.

A estação de piscicultura, que conta com 17 tanques de matrizes de peixes para reprodução e 15 tanques experimentais, além de laboratórios, sede administrativa e equipamentos para reprodução dos peixes, foi doada pelo Consórcio Foz do Chapecó, como uma das medidas de compensação ambiental pelas consequências da hidrelétrica.

A mudança permitiu um salto no volume de alevinos produzidos, de 15 mil por ano na antiga estação, para 800 mil por ano.

Já identificamos 80% de nossos 2,5 mil matrizes, fizemos a biometria com a instalação de chip nos reprodutores, além de renovar constantemente as matrizes graças à colaboração de pescadores, atualmente somos o único banco genético dessas espécies num raio de 1,1 mil quilômetros – afirmou Follmann.

influência da alimentação na reprodução dos peixes.

É um trabalho de monitoramento das variáveis de qualidade da água que vai colaborar para melhorar os indicadores de produção do laboratório de reprodução e peixes – afirma Lopes.

Graças ao trabalho desenvolvido em Águas de Chapecó, novas gerações poderão conhecer as espécies de peixes que migravam no Rio Uruguai quando ainda não havia paredes de concreto bloqueando seu leito.

PEIXES REPRODUZIDAS

- Dourado
- Curimbata ou grumata
- Jundiá
- Pintado-amarelo
- Surubi-Bocado
- Surubim pintado
- Piava
- Piraicanjuba



A piraicanjuba é uma espécie muito frágil e difícil de ser reproduzida, pois tem uma fase inicial de canibalismo e depois passa a se alimentar de frutos. Nossa expectativa é de que a partir de agora a gente possa repovoar os rios, onde ela não é mais vista há anos. Eu mesmo estou há 15 anos trabalhando no instituto e nunca vi um exemplar no rio

SIDINEI FOLLMANN,
engenheiro agrônomo

Processo em laboratório garante diversidade de rio

Para a reprodução dos peixes é realizada a retirada dos ovócitos das fêmeas e o sêmen dos machos, que deve ser misturado em 30 a 60 segundos para fecundar. Depois de dois a três minutos o material vai para as incubadoras, onde fica das 13h30min de um dia até as 6h do dia seguinte, para a eclosão. As larvas são encaminhadas para um tanque, onde ficam mais três dias para se adaptarem à alimentação, exceto o suruvi, que fica 21 dias.

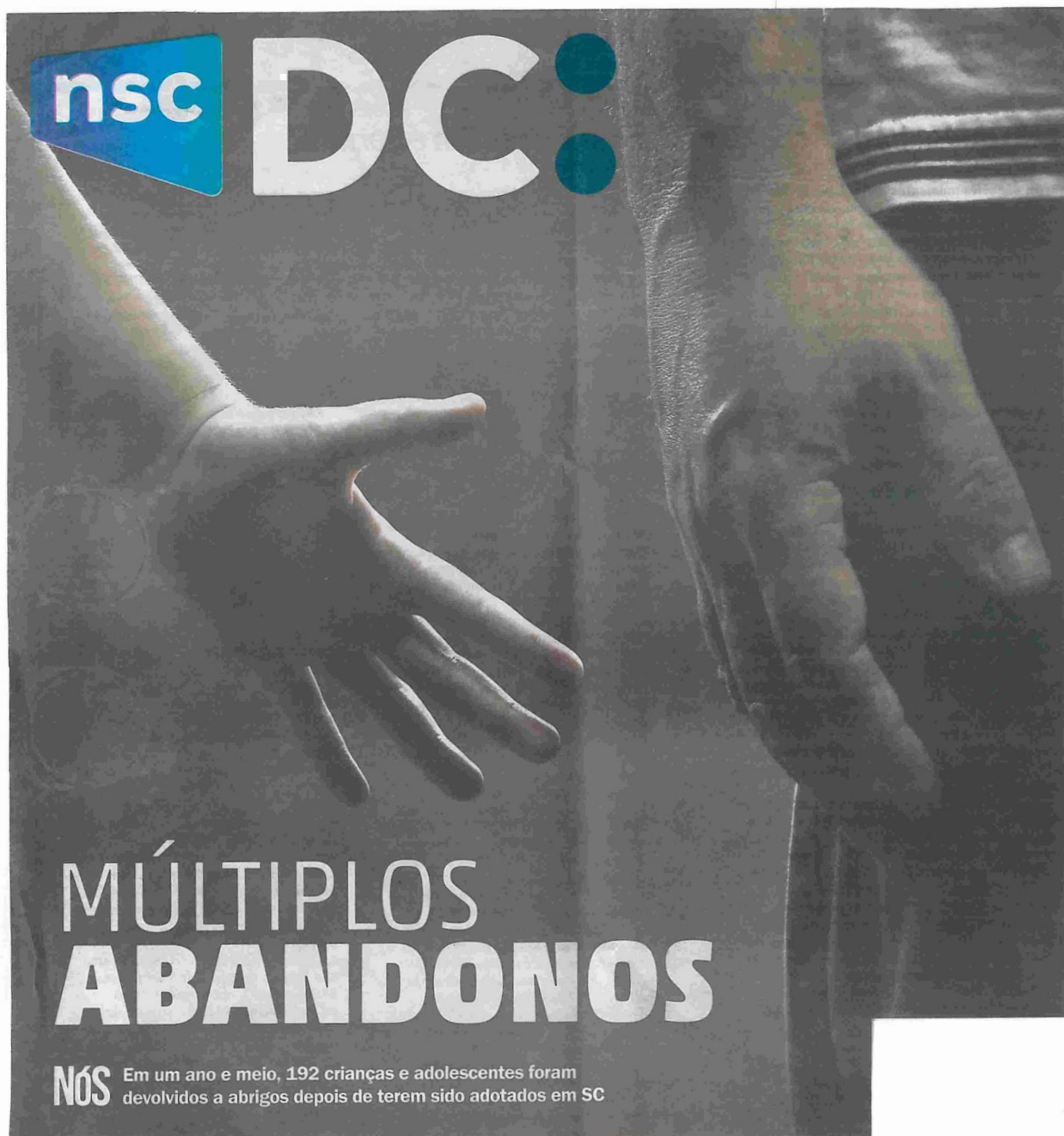
Depois as larvas vão para os tan-

ques de experimentação, onde ficam mais 45 dias até atingirem entre seis e oito centímetros, quando os alevinos podem ser soltos em rios e lagos. A meta agora é identificar 100% das matrizes e ampliar o número de tanques de matrizes de 17 para 45 permitindo ampliar a produção para mais de um milhão de alevinos por ano. Para isso a estação conta também como apoio de pesquisas da Udesc. O doutor em Aquicultura Diogo Lopes e a mestrande em Zootecnia Tais Zuffo estão pesquisando a qualidade da água e a

Diário Catarinense (Capa) e A Notícia (Contracapa)
Caderno Nós
"Surra de abandonos"

Surra de abandonos / Adoção / Crianças / Adolescentes / Devolução de crianças aos abrigos / Santa Catarina / Conselho Nacional de Justiça / CNJ / Instituições / Judiciário / Psicóloga / Mirella Alves de Brito / Professora / Estácio de Sá / Doutora / Antropologia / Universidade Federal de Santa Catarina / Família / Conselho Tutelar

Diário Catarinense (Capa)



A Notícia (Contracapa)

RICARDO WOLFFENGLITZEL

NÓS

**A TRISTE REALIDADE
DO ABANDONO**



**Reportagem revela a situação
de crianças e adolescentes
obrigados a voltar aos abrigos de
onde já haviam sido adotados**

NÓS

DEVOLVIDAS

À DOR DAS CRIANÇAS QUE DEPOIS DE ADOTADAS VOLTAM AOS ABRIGOS

Em 18 meses, 192 meninas e meninos no Estado foram reconduzidos a instituições, fazendo com que experimentassem outra vez o abandono vivido na família de origem

PÁGINAS 4 A 12

EM MEIO A UMA SÉRIE DE CAMPANHAS PARA ESTIMULAR A ADOÇÃO TARDIA, HÁ UMA REALIDADE ESPINHOSA A SER AMPLAMENTE DISCUTIDA: A DEVOLUÇÃO DAS CRIANÇAS AOS ABRIGOS PELAS FAMÍLIAS QUE AS ACOLHERAM

SURRA DE

ÂNGELA BASTOS

angela.bastos@somosnsc.com.br

Pertencer é viver, cunhou a jornalista e escritora Clarice Lispector. Escreveu mais a ucraniana naturalizada brasileira (1920-1977): “A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo”. Na crônica *Pertencer*, publicada no livro “A descoberta do mundo”, Clarice reconta de forma poética o mais tenro desejo de uma pessoa, aquele trazido do berço, dos tempos em que braços esticados buscam um enlace, o do pertencimento. Há, no entanto, a quem esse desejo é recusado, como uma carta reenviada ao remetente. Entre janeiro de 2016 e junho de 2017, exatas 192 crianças foram devolvidas por candidatas a adoção em Santa Catarina. Das 63 que depois de experimentar convívio familiar tiveram que retornar para abrigos, seis estavam com processos de adoção concluídos. Uma triste realidade identificada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Dados dão conta de que no ano passado 1.991 pequenos brasileiros foram reconduzidos às instituições. Ainda que imprecisos, muitos são os motivos. O maior, e inequívoco, é a falta de construção de laços afetivos.

Fazer voltar uma criança é uma situação espinhosa. Menina ou menino que vai para adoção carrega a marca de alguma violação. Foram encaminhados para instituições por maus-tratos, negligência, abuso sexual, morte dos pais. O regresso tende a renascer nelas as marcas dos dissabores.

Os números do CNJ revelam uma balança injusta. Para esses quase 2 mil brasileirinhos devolvidos no ano passado, 1.715 foram adotados. Em Santa Catarina, a diferença também pesa: 68 foram adotados, apenas cinco a mais do que os 63 devolvidos no mesmo período.

Proporcionalmente, é maior o número de crianças que consegue se manter na família adotante. Mas há

casos em que elas passam por uma, duas, três famílias.

– Todos os estudos acerca do tema descrevem uma surra emocional. A criança devolvida sofre novo abandono e enfrenta mais uma vez a ruptura de vínculos – diz Sabrina Suzin, assistente social forense em Rio do Sul, cidade de 66 mil habitantes no Vale do Itajaí a 190 quilômetros de Florianópolis.

Como reparar o dano psicológico, afetivo e moral numa criança que já carrega um histórico de perdas? Além do dano material, já que ao retornar para o abrigo ela deixa na casa onde estava bens e conforto que não estarão mais disponíveis?

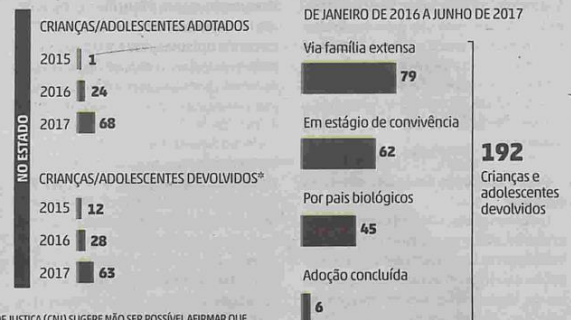
Para a assistente social, a questão não é a reparação em si. Mas que equipes técnicas do Judiciário ofereçam acompanhamento terapêutico sério e comprometido que dê à criança a possibilidade dela ressignificar o acontecimento.

– A marca vai ficar na história dessa criança. Mas a ressignificação poderá fazer a diferença na vida dela.

NÚMEROS DO CNJ



DADOS EM SANTA CATARINA



*A CORREGEDORIA DO CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ) SUGERE NÃO SER POSSÍVEL AFIRMAR QUE TODAS AS CRIANÇAS VOLTARAM AO CADASTRO POR DESISTÊNCIA OU DEVOLUÇÃO DAS FAMÍLIAS. HÁ, TAMBÉM, CASOS EM QUE O ADOTANTE MORREU OU EM QUE O PRÓPRIO JUÍZ ENTENDEU QUE O PRETENDENTE NÃO TERIA CONDIÇÕES – FINANCEIRA, FÍSICA OU PSICOLÓGICA – PARA LEVAR À FRENTE A ADOÇÃO.

FONTE: COMISSÃO ESTADUAL JUDICIÁRIA DE ADOÇÃO/TISC

ABANDONOS

QUATRO FAMÍLIAS

MENINA, 12 ANOS

“Minha vida é mais ou menos assim. Minha mãe de verdade me deu para uma vizinha. Que não era bem minha avó, mas uma conhecida. Ela cuidou de mim e eu gostava dela. Às vezes ela perdia a paciência comigo: é que eu gostava de zoar, de fazer brincadeiras, mas não era por mal. Um dia coloquei um sapo nas roupas dela. Ela ficou brava. Mas não foi por isso que fui parar no abrigo. É que um rapaz da família abusou de mim. Daí o Conselho Tutelar ficou sabendo. Minha avó disse que não tinha condições de cuidar de mim e me levou para o Fórum. Não era ruim. Tinha comida, banho quente, as tias eram legais. Mas também não era bom. Era muita criança junta, os quartos eram grandes e cheios de cama. Tinha que fazer silêncio.

Um dia me disseram que, se eu quisesse, poderia ter uma família para mim. Eu aceitei. Era uma moça e um moço e um irmão mais novo. Eu gostava deles. Eles sabiam da minha história, do motivo de eu ter ido para o abrigo. Mas eu nunca tive vontade de conversar sobre isso com

minha mãe. Um dia ela engravidou. Não sei muito por quê, mas eu virei bebê de novo: dizem que é regressão, algo assim.

Eu acho que minha mãe queria que eu fosse diferente. Mas eu tenho o meu jeito. A gente não se deu muito bem. Fiquei com eles oito meses. Até que um dia fui levada para o Fórum. Aquele mesmo que minha avó, aquela senhora que me recebeu da minha mãe me entregou. Aquele dia foi bem difícil: mamãe chorava muito. Acho que papai não queria que eu ficasse separado deles. Eu também chorei bastante. Naquela noite eu já dormi no abrigo. Passou um tempo e outra família apareceu. Eles gostaram de mim. Me acharam bonita do jeito que eu sou. Também falaram que sou inteligente. Eu já contei tudo que me aconteceu quando eu era pequena. Um dia, no inverno, estava muito frio e eu estava deitada na cama grande da minha mãe. Eu senti vontade de mamar no peito dela. Ela não brigou comigo e deixou. Eu senti que não tinha leite. Mas me senti filha dela.”

DECISÃO EDITORIAL

Para não submeter as crianças a uma circunstância de revitimizá-las, esta reportagem optou por utilizar os relatos do que foi dito às equipes técnicas e forenses.

O QUE É ADOÇÃO?

É uma medida excepcional, cabível apenas quando verificada a impossibilidade da manutenção da criança ou adolescente na família biológica.

PÁGINAS EM BRANCO

Apesar dos números, o Conselho Nacional de Justiça não tem um levantamento técnico sobre as causas que empurram para a devolução. A não ser a voz das próprias crianças e adolescentes, como ouviu em uma audiência pública a juíza-auxiliar da Corregedoria do CNJ, Sandra Silvestre Torres:

- As famílias querem adotar a gente como se fôssemos páginas em branco - disse uma menina de 14 anos.

Para muitos interessados, diz a juíza, a ideia é que a vida daquela criança se iniciasse no momento da adoção.

- Décadas atrás era comum até trocar o nome de batismo. Uma tentativa de deixar para trás o que tinha acontecido até então. Mas nossa sociedade mudou muito - observa.

Outro exemplo é o perfil de quem adotava, antes formado principalmente por casais que não podiam ter filhos.

Hoje, o cadastro único mostra que o país tem maior diversidade. Apesar disso, cerca de 8 mil crianças e jovens vivem em instituições. Do total, 4.866 possíveis de serem adotados pelos 43.054 cadastrados. Ao contrário de outros países, o sistema brasileiro permite que as famílias adotantes escolham o perfil da criança desejada.

Conforme levantamento do CNJ, 80% buscam crianças de até cinco anos, enquanto menos de um quarto (24%) das crianças aptas à adoção está nessa faixa etária. Insegurança e medos são sentimentos frequentes entre os interessados em adotar quando o assunto é acolher uma criança acima de dois anos.

PENA DELA, RAIVA DELE MENTINO, 13 ANOS

“Minha mãe se drogava. Meu pai se meteu com a bandidagem e foi preso. Acho que está em Itajaí (penitenciária). Nossa avó era doente, gastava com remédios e não tinha condições de ficar com a gente (dois irmãos). A outra avó, mãe do nosso pai, trabalhava e cuidava do meu avô, mas ele teve um derrame (AVC). Nossa mãe saía de casa e deixava meu irmão e eu sozinhos. Tinha noite que ela nem voltava. De manhã eu não levantava para ir pra escola. Daí uma vizinha foi no Fórum dizer que a gente era maltratado. Mandaram uma mulher lá (assistente social) e depois o carro do Conselho Tutelar. Era perto do Natal. A gente ganhou presentes no abrigo e nossa mãe nos visitou. Mas depois sumiu. Um dia perguntaram se a gente queria ir pra uma família. Eu falei que preferia a minha. Meu irmão disse que sim, mas só se eu fosse junto. A gente chegou a ser adotado por um casal. No começo foi legal, a gente brincava, tinha comida, roupas, uma TV grande e até banho de piscina. Mas a gente era obrigado a fazer um monte de

coisa que não era acostumado. Nossa mãe disse que nós não sabíamos comer direito. Ela disse que não queria passar vergonha. Nosso pai dava mais atenção pra filha maior, uns 20 anos. Eu e meu irmão até começamos a torcer pro time dele. Mas ele não dava muito bola. Quando tinha jogo ele mandava a gente ficar quieto. Nem pular no gol a gente podia. Um dia a gente brigou com nossa mãe e ele disse que era bem feito, que ele nunca quis adotar, que a ideia tinha sido dela. Eu fiquei chateado. Me deu raiva dele. Daí a gente começou a aprontar: deixava roupa no chão, virava comida, brigava na escola. Teve outro dia que ela disse que a gente era culpado das brigas. Até que chegou um dia e ela nos devolveu. Eu chorei no banheiro, mas ninguém viu. Por quê? Deu pena dela (mãe adotiva). Meu irmão veio brincando com um carrinho, de lá de casa até o Fórum. Ninguém disse nada no caminho. Quando a gente chegou no abrigo uma tia disse assim: vocês precisam de um colo, né meus amores? E nos abraçou. Abraço é bom.”

O QUE SE PRETENDE COM A ADOÇÃO?

O objetivo é garantir o direito fundamental que é a convivência familiar e comunitária. É um procedimento legal pelo qual alguém assume como filho, de modo definitivo e irrevogável, uma criança ou adolescente nascido de outra pessoa.



DIOGENES PANDINI

CAOS EMOCIONAL NASCE DE IDAS E VINDAS

A volta da criança de uma adoção é um caos.

– A experiência de ida e vinda de uma família adotiva é muito frustrante, mesmo nos casos em que ela preferiu retornar. Independentemente das vontades, o sentimento é também de sofrimento porque algo ficou registrado na história dessa criança – observa a neuropsicopedagoga Sylvania Floriano Müller, que trabalha com crianças abrigadas.

É no aspecto pedagógico onde essa frustração mais se manifesta. A criança levada a um abrigo já tem dificuldades de aprendizagem. Pelo menos um, dois, três anos defasados da idade-série. Consequência da incapacidade dos pais em acompanhar a vida escolar, da qualidade ruim das escolas, da negligência e bloqueios por situações de violências sofridas. Apesar disso, quando há um ambiente promissor a criança consegue evoluir. Trajetória que tende a ser interrompida diante de situações traumáticas.

– A volta de uma adoção é o caos. Crianças que estavam tendo sucesso na aprendizagem despenham de rendimento, se desinteressam pelas atividades e se negam a ir para a escola – diz.

Nesses casos, sugere Sylvania, é preciso fazer novamente um resgate. Foi o que ocorreu com um menino de nove anos que tinha limitações, mas estava indo bem no processo de aprendizagem até o dia que deixou o abrigo. Encaminhado para uma adoção, ele retornou meses depois:

– Eu dizia para a equipe técnica: parece que surgiram de dentro dessa criança tudo aquilo que ela tinha, inclusive o gosto por aprender – recorda.

GATILHO PARA TRANSTORNOS COMO ANSIEDADE E DEPRESSÃO

Se a devolução impactasse apenas a aprendizagem da criança já seria um grande dano. Mas a saúde mental também corre risco. Quadro de ansiedade, bipolaridade e depressão são alguns dos transtornos que podem aparecer.

– Criança nessa condição já vem de uma ruptura na família de origem, passa por um abrigo e posteriormente enfrenta uma devolução por adotantes. Isso, dependendo do caso, pode desenca-

dear sintomas característicos de um transtorno – alerta a psicóloga clínica Michele Aparecida Kreich, contratada para atender crianças que vivem em abrigos e aquelas onde a equipe técnica identifica a necessidade de um acompanhamento mais especializado.

A psicóloga lembra que se tratam de crianças fragilizadas emocionalmente, com a percepção distorcida do mundo em que vivem e de si próprias. Por isso, a necessidade de que o adotante dê conta dessa dificuldade para ajudá-la.

– Muitas vezes a criança não consegue tão facilmente aceitar um carinho, pois aprendeu lá trás que a agressão é a forma de se comunicar.

Nos casos que acompanha, Michele já se depa-rou com crianças fazendo profundas reflexões: “Eu fui retirado da minha família e levado para uma outra que não deu certo. O que eu faço de tão errado?”

A psicóloga observa que essa e as outras crianças que fazem a mesma pergunta têm a ideia de que são as responsáveis.

A CRIANÇA IMAGINADA E A CRIANÇA REAL

Não existe consenso sobre o que faz uma família devolver uma criança. Ainda mais tendo passado por todo processo de preparação, o qual inclui cadastro, cursos, aproximação, visitas ao abrigo. Até fins de semana juntos.

Para a psicóloga forense Kelre Pereira Heidemann, um dos problemas está na idealização do filho:

– Os casais fantasiam sobre a criança que irá chegar. Imaginam colocá-la numa escola particular, que ela conseguirá acompanhar o ritmo dos colegas, fará atividades extracurriculares como inglês, música, judô. Mas as crianças disponíveis para a adoção têm um passado, são vítimas de negligências severas e não dão conta de atender a todas as projeções. Além de também terem suas expectativas sobre as famílias para onde serão encaminhadas.

Assim, interessados em adotar deveriam saber: a trajetória da criança não se apaga nem com novos documentos.

– A criança adotada não é como um bebê gerado

na barriga daquela mãe, que a cada dia vai conhecendo um pouco mais o filho. Essa menina ou menino já vem com uma história de vida que precisa ser considerada na nova família – diz a assistente social Rosecléa Ce.

A técnica lembra que, quando se trata de filho biológico, os pais vão moldando e adaptando a criança à própria rotina. Ainda que necessariamente isso não garanta sucesso, pois é comum os filhos divergirem do que foi planejado.

– O problema é que nem sempre a família adotante dá chance à criança para que ela se adapte. Quando esse tempo é dado, é possível contornar a situação – diz a assistente social Rosecléa.

Mery-Ann Furtado e Silva, secretária-executiva da Comissão Estadual Judiciária de Adoção (Ceja) de Santa Catarina, considera urgente a necessidade de melhor preparar os interessados. Para ela, muitas devoluções podiam ser evitadas se o Judiciário estruturasse melhor as Varas da Infância para que as equipes técnicas acompanhassem as famílias.

De imediato, diz, os interessados precisam ser avisados de que filho não resolve problema emocional de ninguém:

– Tanto faz ser biológico ou adotivo. Problema é que no caso de adoção a pessoa se acha no direito de bater na porta do Poder Judiciário e dizer: “Toma que o filho é teu”.

Para Inês Fritzen, assistente de Atividades Específicas da Ceja, a ansiedade do interessado em adotar também contribui. Normalmente, a pessoa tem um perfil determinado. Mas o tempo passa, ela não consegue a criança desejada e abre mão das características. Para Inês, o problema no Estado continua sendo grupos de irmãos. Nesse caso, a adoção internacional vinha sendo uma porta importante para crianças brasileiras que ‘sobravam’ nas instituições.

– A situação dos abrigados é tão complicada que até a crise econômica na Europa influenciou. A Espanha, por exemplo, sempre demonstrava interesse, mas desde 2012 não conseguimos mais fazer uma única adoção para lá.

QUEM DEVOLVE AS CRIANÇAS?

Família extensa (avós, tios), família biológica (pais, especialmente mães sozinhas e dependentes químicas de drogas), estágios de convivência, adotantes.

O QUE FAZER PARA EVITAR OU MINIMIZAR DEVOLUÇÕES?

Preparação dos pretendentes, preparação de filhos biológicos (seja criança ou adolescente) a respeito da chegada do irmão, preparação e acompanhamento das crianças adotadas, suporte posterior à chegada da criança na nova casa.

ÉRAMOS CINCO

MEU IRMÃO, 10 ANOS

“*Nossa família era muito pobre. Quase nem comida tinha. Morávamos eu, meus quatro irmãos, meus pais. Também nossa avó, que pede dinheiro nas ruas. E uma tia, doente da cabeça. A nossa casa era suja, as paredes tinham cocô. Era tudo escuro, pois não tinha luz elétrica. Era mais ou menos ruim. Um dia as moças da assistência social foram lá em casa. Elas ficaram apavoradas: tinha comida podre nas panelas. Acho que era arroz. A gente sempre comeu muito arroz. Carne quase não tinha. Chamaram a Vigilância (Sanitária) e o Conselho Tutelar. Passou um tempo e minha mãe decidiu entregar a gente no conselho. Ela disse que não tinha como sustentar nós todos. É que meu pai foi preso. Foi triste. Nem conseguimos nos despedir dele.*”

A gente foi morar no abrigo. Com o tempo, apareceram pessoas interessadas em adotar a gente. Mas cinco é difícil. Então a gente foi separado. Mas não muito: minhas duas irmãs estão na mesma família. Meu irmão menor em outra. E o do meio também foi adotado. Eu fui numa família, mas quis voltar. Não me dei bem com meus pais, principalmente com a mãe. A gente brigava. Eu tinha dito pra não ir, mas o juiz (equipe técnica do Judiciário) achou melhor também achar um lugar para mim. Eu não gostava de lá. Um dia estou bem, outro não. O médico disse que preciso tomar remédio (diagnóstico de bipolaridade). Eu não quero sair daqui (abrigo). Aqui tenho tudo. Não sei como seria ir para outra família e ter que voltar. Melhor ficar no meu canto.”

TEMPO QUE NÃO PASSA

MENINO, 12 ANOS

“Eu tenho 12 anos. Minha irmã, 10. Faz um tempão que a gente mora no abrigo. Pra mim três anos é muito tempo. Não passa nunca. Viemos para cá porque nossos pais não cuidavam da gente. Eu sempre ajudei a minha irmã. Sempre fomos muito unidos. Quando ela brigava com as meninas, eu protegia ela. Se eu aprontava, como algum ato de indisciplina, ela ficava do meu lado. No fim, só tinha eu e ela. Um dia, depois de um tempo, a gente ficou sabendo que nunca mais voltaríamos para nossa família. Foi bem difícil. Lá, podia não ser bom, mas era a nossa casa: tínhamos parentes, vizinhos, essas coisas. A gente se acostumou na casa-lar. Mas não é a mesma coisa. Todo mundo gosta de estar em casa, mesmo que seja pobre, essas coisas. Os técnicos do abrigo nos ajudam bastante. Conversam, explicam as coisas, dão carinho. Nesse tempo a gente viu meninos e meninas indo embora. A gente ficava contente por

eles. Mas perdia amigos. Uns voltavam para a família, outros eram adotados. Eu sempre pensava: será que um dia isso vai acontecer com a gente? Passou, passou, até que apareceu um casal interessado. A gente conversou bastante. Até saiu pra passear. Gostamos deles. Houve muitas reuniões. Até que eles nos levaram. A casa era boa, tinha bastante comida, ganhamos roupas, presentes. Acho que ficamos três meses lá. No começo a gente conseguiu se entender bem. Mas o tempo foi passando e teve briga. Muita briga. Só piorou. Não teve jeito: fomos devolvidos. Eu acho que a culpa é da minha irmã. Ela diz que o culpado fui eu. Eu já senti saudades de lá. Minha irmã também sente. Não sei se eu e minha irmã teremos outra oportunidade na vida. Talvez só ser for um pra cada lado. Antes, nem eu nem ela aceitaria essa ideia. Hoje, já nem sei mais. É que a gente brigou tanto, mas tanto mesmo, por causa dessa ida e vinda...”

DIORGENES PANDINI



Frase escrita por criança na parte de um guarda-roupa em abrigo de Rio do Sul

EU CONFIO
EM DEUS

EXPERIÊNCIA DE LUTO

Em casos de devolução de adotados, a responsabilidade é toda – e sempre – do adulto. A avaliação é da psicóloga Mirella Alves de Brito. Professora na Universidade Estácio de Sá e doutora em antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, ela pesquisou as noções de famílias, sujeito e parentesco em processos de adoção em Florianópolis, bem como os modos de se tornar sujeito em espaços de institucionalização de crianças. Além de ser mãe adotiva de uma adolescente de 15 anos.

– Não se trata de desconsiderar o estado de desespero que algumas famílias ficam no momento da devolução. Mas, ainda assim, não podemos descartar que, na complexidade da relação entre crianças, adolescentes e adultos, a responsabilidade de administrar as situações de conflito é das pessoas adultas.

Por isso, diz, a importância de que interessadas em adoção sejam acompanhadas por uma equipe técnica no momento anterior ao cadastro.

– É preciso ter coragem para dizer: nem todas as pessoas têm perfil para adotar. Ao se perceber isso, é importante falar e ajudá-las a entender o significado real da escolha – sugere.

Conforme Mirella, não existe um momento definido para que laços sejam construídos. Essa relação começa no abrigo, no chamado período de aproximação, quando a criança já imagina que aquelas pessoas poderão formar sua nova família.

Sobre o impacto de uma devolução, a doutora faz uma comparação:

– Imaginemos o luto, situação que exige o desapego. Criança devolvida precisa se desapegar do que experimentou. Necessariamente não significa esquecer, mas viver um distanciamento daquela situação.

O mesmo, observa, vale para a família. – É difícil também chegar ao momento do desfecho – conclui.

CAOS EMOCIONAL NASCE DE IDAS E VINDAS

A psicóloga Marilene Fuchter explica que as crianças demonstram pelas emoções o que muitas vezes não conseguem verbalizar. No retorno de uma adoção, explicitam principalmente tristeza e frustração. Também carregam culpa por não ter dado certo aquilo que imaginaram.

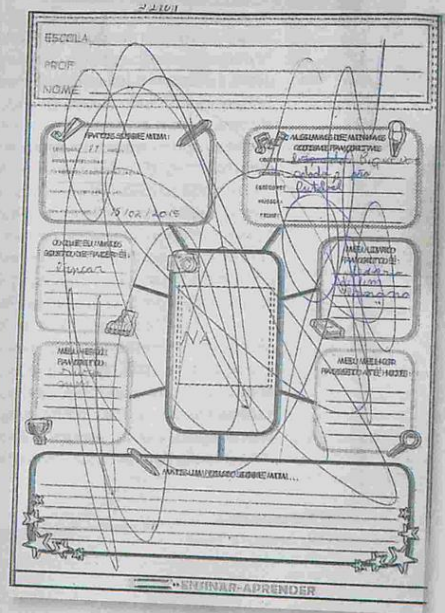
– Quando a família não quis, elas voltam mais frustradas por não entender o que fizeram de errado – diz a psicóloga.

Normalmente, a criança prefere não falar sobre a experiência. Aos poucos, isso fica perceptível nas atividades diárias, como nos desenhos. Páginas riscadas, uso de cores pesadas, ordem dos emojis (carinhas que expressam o que estão sentindo).

Comportamentos agressivos também são comuns. Brigas com colegas, desobediência aos técnicos, atos de indisciplina.

– A gente fala que sabe que está difícil, que não aconteceu o que se pensou. Mas que existem outras possibilidades e maneiras de lidar não apenas chutando as coisas, quebrando objetos, brigando com os amigos – diz a psicóloga.

Ao voltar para o abrigo, menino expressa em atividade com educadora o sentimento de raiva pela experiência vivida



A DESPEDIDA DA MÃE

MENINO, 5 ANOS

“ Eu tenho cinco anos e moro num abrigo. Foi o Conselho Tutelar quem me trouxe para cá. Eles receberam denúncia de que minha mãe não cuidava bem de mim. Naquela vez, eu tinha três anos e fiquei uns meses aqui. Nesse tempo, as tias conversavam com minha mãe e explicavam que eu era criança e precisava de atenção. Depois de um tempo voltei para a nossa casa. Mas agora estou aqui de novo: só que desta vez foi minha mãe quem me entregou. Ela disse que não está bem e sem condições de ficar comigo: não

tem como me sustentar e está grávida. Mas não é do meu pai. É do namorado dela. Disse que precisava trabalhar e acha que vou estar bem cuidado. Aqui tem muitas crianças. Umam ficam de dia e à noite vão embora. Eu fico sempre. Eu acho bom morar com família. As tias estão tratando disso. É preciso avisar a minha mãe (alertar sobre abandono e destituição do poder familiar), mas ninguém sabe onde ela está. Eu lembro do dia em que cheguei: trouxe uma mochila com minhas coisas e minha mãe me segurava pela mão. ”

JUIZES DETERMINAM INDENIZAÇÕES

Adotada aos seis anos e seis anos depois devolvida. A reviravolta na vida da menina que de uma hora para outra teve de deixar a casa dos pais e voltar ao abrigo surpreendeu a juíza da Vara da Família e da Juventude de Jaraguá do Sul, Daniela Fernandes Dias Morelli, que decidiu por pagamento de pensão.

– Eu nem considero devolução, mas abandono. Em se tratando da idade, as chances de ela ir para uma adoção tardia eram poucas. Entendemos ser necessário pensar numa reserva financeira, a qual desse alguma autonomia quando completasse 18 anos – explica a magistrada.

Os pais foram obrigados a assumir o pagamento de pensão alimentícia. Os valores consideraram a situação financeira da família. Os custos foram divididos entre marido e mulher. O dinheiro foi depositado em uma caderneta de poupança e a coordenadora do abrigo ficou responsável pelo cartão, enquanto a Justiça acompanha a manutenção.

Nos últimos tempos, o Ministério Público tem proposto ações para a salvaguarda da criança ou adolescente diante do descumprimento dos deveres próprios ao exercício do poder familiar, como os alimentos, a indenização por danos morais, pagamento de educação e terapias.

PREPARAÇÃO PARA UMA NOVA FAMÍLIA

Para o juiz Rodrigo Tavares Martins, da Corregedoria do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, ações assim são necessárias não para punir os pretendentes, mas para oferecer um tratamento especializado e uma perspectiva para a criança ou adolescente que já havia sofrido com o corte dos laços da família de origem e se vê numa espécie de repetição de abandono.

– Depende de cada caso. Mas por meio de uma

pensão mensal, por exemplo, a criança pode ser acompanhada por um profissional e ficar mais bem preparada para a possibilidade de encontrar uma nova família.

Apesar disso, o juiz acredita que a resposta ao problema da devolução passa por outras medidas. Cabe ao Poder Judiciário adotar iniciativas para minimizar a situação. Inicialmente, acompanhar o estágio de convivência de uma forma mais efetiva. Com uma atenção muito especial ao momento posterior.

– Temos um projeto na corregedoria que pretende formar parceria com os grupos de apoio espalhados por Santa Catarina. Com isso, usando das equipes técnicas, os pretendentes serão orientados a participar. Haverá acompanhamento da realidade da criança e da família. O Judiciário poderá ser acionado sempre que houver uma demanda mais específica.

QUAIS AS PRINCIPAIS CAUSAS DE DEVOLUÇÃO?

Não há estatísticas oficiais sobre o que leva à devolução das crianças. Mas técnicos do Judiciário apontam como mais comuns os casos de adoção tardia, inter-racial, grupos de irmãos, crianças com necessidades especiais, mãe que engravida após ter adotado.

DIORGENES PANDINI



REENCONTRO COM A ALEGRIA

Daniel de Souza Machado e Angela Maria Weiss são pais pela primeira vez. O fato de a criança de seis anos ter sido devolvida na primeira adoção não foi discutido. O desejo era ter um filho:

– Eu não acho que a gente esteja dando uma oportunidade à criança, é ela que está nos dando a possibilidade de uma nova vida – diz o empresário.

Depois de um ano e meio no cadastro de adoção, a chegada do menino mudou as rotinas. Neste começo de ano letivo, pela primeira vez tiveram que comprar material escolar. Além de buscar uma escolinha de futebol para matriculá-lo e sair para comprar roupas com uma frequência não imaginada:

– Ele cresce a cada dia – brinca o pai.

Angela é educadora e trabalha com educação infantil. No começo observou um menino tímido que evitava carinhos. Mas que foi se soltando: agora vive agarrado ao pescoço deles, preferindo brincar sempre perto dos pais e com comportamento tranquilo.

AS CRIANÇAS TESTAM CONSTANTEMENTE O AMOR

Daniel e Angela contam que de vez em quando o filho retoma memórias. Um dia estranharam o fato de ele não comer banana. Perguntaram se não gostava da fruta:

– Quando eu morava na casa, com a primeira família (origem), a gente comia banana se pegasse no cemitério (trabalho espiritual).

Sobre a família anterior, a que fez a devolução, o menino diz que ele e o irmão também adotado eram tratados com “menos liberdade do que os filhos verdadeiros (biológicos)”. Mesmo assim, contou que não se importaria de ter ficado. Mas preferiu voltar para o abrigo para fazer companhia ao irmão, decidido a não mais ficar na casa.

Daniel e Angela acolheram um filho com irmãos. Três também estão adotados. As famílias se conhecem e permitem que as crianças se visitem. Também deixam que se comuniquem por um grupo nas redes sociais.

– A gente entende ser importante para eles manterem os vínculos, mesmo estando em casas separadas – diz a mãe.

O casal também percebeu que a equipe técnica fez bem em alertar: a criança testará o amor dos pais. Certo dia, na hora de deitar, o menino não quis dar boa noite para Angela. Disse que ela não era mãe dele. Apesar de se sentir preparada, Angela chorou. Dividiu o abraço com Daniel, que foi até o quarto do menino para uma conversa. O pai foi firme:

– Peça desculpas: ela é sua mãe, nós esperamos muito por um filho e gostamos muito de você. Além disso, agora somos os seus responsáveis e para o abrigo você não volta mais.

Meses depois do ocorrido, Daniel e Angela avião ter sido ali o que chamam virada de chave:

– Naquele momento, ele sentiu que estava realmente em família.

GRUPOS DE ESTUDOS E APOIO À ADOÇÃO

ARARANGUÁ

Endereço: Rua 7 de Setembro,
1.345, Centro
E-mail: cadecor@contato.net

BALNEÁRIO CAMBORIÚ

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção
Anjos da Vida
Endereço: Rua 1950, 901, Centro
E-mail: grupoadocaoanjosdavid@hotmai.com

BALNEÁRIO PICARRAS

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção de
Balneário Picarras e Penha Adoção em Ação
Endereço: Rua Vereador João Figueiredo,
1.011, Centro
E-mail: grupoadocaoemacao@gmail.com

BLUMENAU

Filhos da Esperança – Grupo de Estudos e
Apoio à Adoção de Blumenau (Geaab)
Endereço: Rua Frederico Gielow, 297
Bairro: Velha Central
E-mail: contato@geaab.com.br

BRUSQUE

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção
de Brusque
E-mail: geaabq@gmail.com

CAMPOS NOVOS

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção
Semeando Amor (Geaasa)
Endereço: Praça Lauro Müller, 121, Centro
E-mails: jasilva@epagri.sc.gov.br ou
silvaseanselmo@gmail.com

CANOINHAS

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção em
Canoinhas (Geaac)
Endereço: Rua Travessa Bem-te-vi,
S/Nº, Bairro São Cristóvão, Três Barras
E-mail: geaacsc@hotmail.com

CAPINZAL

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção
25 de Maio
Endereço: Rua Carmelo Zoccolli, 133, prédio
do Fórum da Comarca de Capinzal
E-mail: geaa25maio@gmail.com

CURITIBANOS

Grupo de Estudos e Apoio de Curitiba
(Geac)
Endereço: Rua Antônio Rossa, 421,
Bairro Bosque
E-mails: renatomondini@uol.com.br ou
moratelli@tjsc.jus.br

DIONÍSIO CERQUEIRA

Grupo de Apoio à Adoção Amigos
da Vida
E-mail: geanirippel@tjsc.jus.br

FLORIANÓPOLIS

Grupo Familiarizando a Adoção em
Florianópolis – Estudos e Apoio à Adoção
de Crianças e Adolescentes (Grufa).
E-mail: mirella.brito@estacio.br

FRAIBURGO

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção – DNA
do Coração
Endereço: Rua Carlos Maister, 146,
Bairro Nações
E-mail: dncoracao@yahoo.com.br

INDAIAL

Grupo de Apoio à Adoção Adote Esta Ideia
(Gaaai)
Endereço: Rua: Vila Nova, 178, Bairro
Encano Baixo
E-mail: gaaai.indaial@gmail.com

JOINVILLE

Grupo de Estudo e Apoio à Adoção de
Joinville (Geaaj)
Endereço: Avenida Antônio Ramos Alvim,
892, Bairro Floresta
E-mail: larapatricia@holos.org.br ou
henrique_cabe_faria@hotmail.com

LAGES

Grupo de Apoio à Adoção de Lages (GAA
Lages)
Endereço: Rua Manoel Thiago de Castro,
199, Centro, Ed. Cacicmba, Ap. 1.201, bloco A
E-mail: jandira.souza01@hotmail.com

LAGUNA

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção de
Laguna – Laços de Carinho
Endereço: Avenida Arcangelo Bianchini, 69,
Centro
E-mail: vsantos@tjsc.jus.br

MAFRA

Grupo de Apoio, Reflexão e Respaldo à
Adoção (Garra)
Endereço: Rua José Boiteux, 870, Bairro Vila
Ivete
E-mail: garramafra@hotmail.com

MARAVILHA

Grupo Geama – Maravilhas da Adoção
Endereço: Avenida Araucária, 1.081,
Centro
E-mail: sirleigheno@gmail.com

PINHALZINHO

Endereço: Avenida São Paulo, 1.615,
Centro
E-mail: cris@mappaviagens.com.br

POMERODE

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção de
Pomerode (Geaap)
Endereço: Rua Hermann Weege, 3.040,
Centro
E-mails: roseli.abefam@gmail.com ou
roseli.weh@gmail.com

PORTO BELO, TIJUCAS E ITAPEMA

Grupo de Estudos e Apoio Amor Eterno
Endereço: Rua 700, 270, Bairro Várzea,
Itapema
E-mail: geaaamoreterno@gmail.com

SÃO BENTO DO SUL

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção e à
Convivência Familiar – Gerando Amor
Endereço: Avenida São Bento, 401,
Bairro Rio Negro
E-mail: luis89fm@globomail.com

SÃO JOÃO BATISTA

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção
Sonho Azul (Geaasa)
Endereço: Rua Otaviano Dadam, 201,
Centro
E-mail: rstein@tjsc.jus.br

SÃO JOSÉ

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção –
Família do Amor (Geaafa)
Endereço: Rua Pedro Bunn, 1.516,
bloco 1, Apto 402, Barreiros
E-mail: geaafa@gmail.com

SÃO MIGUEL DO OESTE

Grupo de Apoio à Adoção de São
Miguel do Oeste
Endereço: Rua Marçilio Dias, 1.070,
Centro
E-mail: marciloc@yahoo.com.br

TROMBUDO CENTRAL

Grupo de Apoio à Adoção de Trombudo
Central
E-mails: silbt@ibest.com.br ou
oziettsch@ig.com.br

XANXERÊ

Grupo de Estudos e Apoio à Adoção –
Amigos da Criança (Geaax)
Endereço: Rua Victor Konder, 898,
Centro
E-mail: ivandurandjr@hotmail.com

FONTE: CEJA/SC

NESTA EDIÇÃO:

ÂNGELA BASTOS

Repórter Especial
angela.bastos@somosnsc.com.br

EMERSON GASPERIN

Repórter
emerson.gasperin@somosnsc.com.br

JEFERSON CIOATTO

Editor
jeferson.cioatto@somosnsc.com.br

MAIARA SANTOS

Editora de design
maiara.santos@somosnsc.com.br

DIORGENES PANDINI

Repórter fotográfico
d.pandini@somosnsc.com.br



CONFIRA NOSSA
VERSÃO DIGITAL

diariocatarinense.com.br/nos

Diário Catarinense e A Notícia Artigo

“As startups e o advogado”

As startups e o advogado / Leandro Godoy Oliveira / Presidente da Comissão de Direito em Startups da OAB/SC / Tecnologia / Pacto pela Inovação / UFSC

ARTIGO

AS STARTUPS E O ADVOGADO



LEANDRO GODOY
OLIVEIRA

Presidente da Comissão de
Direito em Startups da OAB/SC

Santa Catarina é referência quando o assunto é tecnologia, especialmente a região de Florianópolis. Seguindo o movimento da economia nacional, mas sempre atuando com protagonismo, não causa surpresa o fato de aqui ter se desenvolvido um dos mais ricos ecossistemas para startups do Brasil.

Em SC, existem pelo menos 300 startups, dezenas de aceleradoras e incubadoras, variados projetos de fomento à inovação, além de inúmeros interessados em investir nesse ramo, seja na fase inicial, na consolidação ou na expansão. Ressalta-se que as startups não estão centralizadas somente em Florianópolis e que as instituições que as circundam também estão espalhadas pelo Estado (Joinville, Jaraguá do Sul, Chapecó, Criciúma, Lages etc).

A preocupação com a saúde desse ecossistema é notória, tanto que foi lançado pelo governo estadual, em outubro, o Pacto pela Inovação, do qual já participam mais de 30 instituições, entre elas

Fiesc, Acate, Udesc, UFSC e a OAB/SC. O objetivo é unir as instituições pactuadas para alavancar SC como uma economia do conhecimento e da inovação.

Acompanhando esse movimento e respondendo à preocupação com o futuro da advocacia diante da velocidade do avanço da tecnologia, foi criada na OAB/SC, em dezembro de 2017, a Comissão de Direito em Startups, que tem objetivo de aproximar os advogados catarinenses desse ecossistema, assessorando juridicamente as startups e as instituições que fazem parte do seu dia a dia.

A atuação do advogado em parceria com as startups é de extrema importância desde o surgimento da ideia disruptiva até o momento de expansão e obtenção de investimento, devendo o empreendedor estar ciente de que o advogado pode auxiliar em diversas áreas: escolha do tipo empresarial adequado, definição das regras do acordo de sócios; orientação trabalhista e tributária, assessoria para registro do produto e da marca no Inpi, política de privacidade, elaboração dos termos de uso, entre outras.

Por fim, é importante salientar a importância da assessoria jurídica nas relações entre as startups e os investidores, gerando maior confiança para as partes e diminuindo os riscos.

CLIPPING DIGITAL

18/03/2018

[UFSC Araranguá desenvolve projeto da Alemanha](#)

[Analista de desempenho do Avaí é convocado pela Seleção Brasileira](#)

[Instituto Curupira abre inscrições para curso de Permacultura](#)

[Em sete décadas, Alto Uruguai teve apenas 5 deputados federais nascidos na região](#)

[Brasil: Plan maestro del Puerto de Vitória entra en discusión](#)